

FÁBIO BALDEZ SILVA

HARALD HARFAGER E A UNIFICAÇÃO NORUEGUESA: UM ESTUDO DA
GUERRA E SEUS ELEMENTOS CULTURAIS NA ERA VIKING (SÉCULO IX).

Monografia apresentada ao curso de
graduação em História da Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Santiago
Berriel

Nova Iguaçu

2014

FÁBIO BALDEZ SILVA

HARALD HARFAGER E A UNIFICAÇÃO NORUEGUESA: UM ESTUDO DA GUERRA E SEUS ELEMENTOS CULTURAIS NA ERA VIKING (SÉCULO IX).

Monografia apresentada ao curso de graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Santiago Berriel

Banca examinadora

Orientador: Prof. Marcelo Santiago Berriel

UFRRJ

Prof. José D'Assunção Barros

UFRRJ

Prof^ª. Raquel Alvitos

UFRRJ

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a meus pais, por me concederem a vida, os recursos, e portanto, a oportunidade de chegar onde cheguei.

Agradeço também à professora Miriam Coser, por ser a primeira a acreditar no presente projeto, e se disponibilizar a me orientar inicialmente e me dar todo o apoio necessário no início desta pesquisa.

Agradeço também de forma imensa ao Professor Marcelo Santiago Berriel, por ter aceito o desafio, após a mudança de instituição da professora Miriam, de me orientar em um tema tão incomum no Brasil mesmo em se tratando de História medieval, a ajuda, disponibilidade e suporte do mesmo para essa pesquisa foram de valor inestimável.

Agradeço também, de forma não menos importante, ao professor Marcos Caldas, por ter me introduzido à fonte primária que deu origem e suporte a esse trabalho e à experiência de ter participado do LITHAM, ao professor José D'assunção pela indicação da leitura que deu suporte teórico à presente pesquisa, e à Professora Raquel Alvitos por já também haver contribuído com pesquisas minhas relacionadas com o presente tema. Agradeço ainda, ao professor Johnni Langer pela oportunidade de participar do Núcleo de estudos vikings e escandinavos, o NEVE, e aos outros colegas do grupo, em especial Pablo Gomes de Miranda, pelo apoio e troca de idéias que foram de imenso valor na elaboração desta pesquisa.

Com igual importância agradeço a familiares, amigos e colegas que sempre estiveram comigo em minha vida, em especial meu irmão Fabrício Baldez, meus primos Matheus Adames, Filipe Rangel, além de outros grandes amigos que não mencionarei aqui para não cometer a injustiça de esquecer alguém, e pessoas que sempre caminharam comigo em minha graduação, em especial os colegas do laboratório LEPEN, meus colegas da turma 2008.2, além de outros grandes colegas e amigos de faculdade que estiveram junto comigo durante o percurso, seja participando de atividades acadêmicas ou em simples conversas informais pelos corredores, também de não menos importância para o convívio social no ambiente em que fizemos parte juntos. Agradeço também de forma especial à Karine Codeça Das Mercês por fazer parte desse contexto e ter estado sempre comigo na maior parte de minha jornada acadêmica, alguém por quem tenho grande admiração. Muito obrigado a todos.

SILVA, Fábio Baldez. *Harald Harfager e a unificação norueguesa: um estudo da guerra e seus elementos culturais na era Viking (Século IX)*. Monografia (graduação em História). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Nova Iguaçu. 2014.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo, baseado na Saga dos reis da Noruega também conhecida como *Heimskringla*, estudar as relações entre a guerra e a prática da mesma com a cultura viking e a unificação norueguesa realizada por Harald Harfager na segunda metade do século IX. Assim, destaca-se a importância dos feitos guerreiros para a constituição da reputação necessária para a aceitação de um monarca escandinavo e de sua reputação como líder militar na era Viking, concluindo assim que a guerra está intimamente ligada com a cultura dos povos, não sendo apenas uma mera continuação da política, não sendo assim diferente com os vikings.

Palavras-chave: Guerra, Vikings, cultura, Escandinávia, Idade média.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 1 |
| CAPÍTULO I: Oralidade e narrativa: as Sagas islandesas e seu valor histórico..... | 3 |
| CAPÍTULO II: Guerra e cultura: elementos inseparáveis em campo de batalha..... | 12 |
| CAPÍTULO III: A saga de Harald Harfager e o papel dos feitos guerreiros na construção de um rei escandinavo no século IX..... | 22 |
| CONCLUSÃO..... | 33 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 35 |
| FONTE..... | 37 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a discussão e o estudo dos aspectos militares da unificação norueguesa empreendida por Harald Harfager no século IX, sob a luz de uma discussão teórica baseada no campo da História militar e que concebe a guerra como um elemento relacionado com a cultura de cada povo que a pratica. Assim, tem a mesma para os escandinavos da era Viking, período de maior expansão e assaltos do povo escandinavo ao ocidente cristão, uma importância intimamente relacionada com a constituição de um monarca como líder militar, e para tanto da construção da reputação do mesmo baseada na guerra e nos feitos bélicos para liderar.

Para a realização desse estudo, no primeiro capítulo procederemos a uma contextualização da produção das Sagas islandesas e seu contexto histórico, pois a fonte primária utilizada nesse estudo, que é a Saga dos reis da Noruega, faz parte do corpo literário citado, daí ser de fundamental importância entender o contexto de sua produção principalmente entre os séculos XII e XIII na Islândia.

No segundo capítulo, nos compete entrar na discussão da guerra como um elemento atrelado à cultura de cada povo que a pratica, não sendo a mesma apenas uma mera continuação da política por meios violentos, assim, abordaremos uma discussão mais abrangente sobre a natureza da guerra em geral, baseada nos pressupostos teóricos adotados, e ainda, a título de exemplos, tentaremos discutir sobre a ética guerreira dos povos do ocidente medieval nos séculos finais da alta idade média, e já entrando no foco da discussão principal a que esta pesquisa se destina, abordaremos ainda no mesmo capítulo a natureza da guerra e seu papel na cultura nórdica do período da era Viking.

No terceiro e último capítulo, finalmente abordaremos o papel da guerra e dos feitos guerreiros na constituição de uma monarquia escandinava do século IX, onde após uma breve abordagem do contexto histórico da Noruega no momento citado, entraremos especificamente na análise textual da Saga de Harald Harfager, destacando nessa análise os elementos que constituem importância para a construção da reputação de um rei

como líder militar, funções acumuladas e esperadas de um monarca nesse momento histórico nas regiões escandinavas, chamando atenção, através disso, para o fato de como a guerra está intimamente relacionada com o *Ethos* cultural de cada povo que a pratica, não sendo diferente dessa forma para os vikings, que a viam intimamente ligada à construção de uma glória e reputação pessoal, que vão muito além dos fatores políticos, o que pode ser comprovado também pelos versos compostos pelos poetas Vikings sobre os feitos de seus reis em campo de batalha, e que serão mencionados também no referido capítulo, e na conclusão, mencionaremos a importância do estudo da guerra ligada aos fatores culturais para a compreensão da Escandinávia viking.

CAPÍTULO I - Oralidade e narrativa: as sagas islandesas e seu valor histórico.

As sagas islandesas são narrativas que tratam de famílias e linhagens, tendo sido produzidas na Islândia medieval, destacando, sobretudo os feitos guerreiros e virtudes como a honra e a coragem, tendo como característica o estilo predominante da narrativa factual em prosa, em que se concentra a história geralmente num personagem de feitos dignos de serem lembrados. Possuem grande importância como umas das principais fontes escritas para os estudos sobre a era Viking:

As Sagas islandesas constituem um dos conjuntos literários mais importantes e originais da literatura medieval. Como uma das principais fontes para o estudo da sociedade Viking e também do período feudal-cristão, a relevância das Sagas hoje transcende os estudos escandinavos e articula-se com um vasto campo das pesquisas culturais sobre o ocidente medieval e moderno (LANGER, 2009a, p. 1)

As sagas possuem semelhança com as epopéias, pois provavelmente foram criadas num contexto de uma construção de identidade cultural, servindo como uma forma de identificação e unidade entre os colonizadores da Islândia, tratando também estas sagas de assuntos cotidianos, se diferenciando das epopéias no sentido em que não são narrativas poéticas. No tocante à classificação, as sagas são divididas em temas, como por exemplo, as sagas lendárias, sagas de Reis, sagas de família, contemporâneas, de Bispos, de cavalaria traduzida e de cavalaria de origem nativa. As sagas também sofrem influências de outros estilos literários em sua composição, como da literatura clássica e da literatura medieval em latim, por exemplo, nos momentos de maior produção dessas sagas entre os séculos XII e XIV, e se originam de relatos e histórias orais que foram posteriormente escritas pelos autores.

A metodologia que predominou por muito tempo no estudo das sagas islandesas e da Escandinávia da era viking teve início no século XVIII, e perdurou até aproximadamente a primeira metade do século XX, e se pautava numa perspectiva generalista e universalista de uma “unidade cultural” germânica. Sofreu por isso influências de construções nacionalistas, que buscavam um resgate das sagas para pensar a Escandinávia da era viking como uma região unificada culturalmente em termos absolutos, se buscando uma idealização nacionalista da sociedade escandinava moderna. (LANGER, 2009a, p.5)

Essa perspectiva de estudo levava pouco em consideração variações lingüísticas e geográficas, por exemplo, que devem ser respeitadas para se ter uma pesquisa que possibilite um melhor entendimento de determinado lugar e tempo histórico.

Os estudos desenvolvidos já a partir da segunda metade do século XX constituíram uma nova perspectiva para os estudos sobre a era viking, já que passaram a considerar os recortes regionais e o contexto histórico como fatores de relevância no momento em que foram produzidas as sagas, reconhecendo, portanto, a era viking como um período mais complexo, como podemos ver em mais essa citação do artigo de Johnni Langer referente a análise dos textos das sagas:

As tendências atuais não enfatizam mais a dicotomia história *versus* ficção nas sagas islandesas, ou então, a busca por parâmetros históricos tradicionais na constituição dos personagens, eventos, trama, e sim o estudo dos valores sociais, os temas, as tendências, os

padrões, as estruturas e as contradições nos textos (Sawyer, 2006: 24), aproximando-se da História Social e Cultural, além da Antropologia Histórica e da História Comparada. (LANGER, 2009a, p.6)

Fazem parte dessa nova metodologia de estudos, métodos comparativos como o comparativo externo, que busca conexões externas de elementos culturais encontrados nas sagas. Tenta-se buscar nessas conexões com outros povos com quem os nórdicos poderiam ter tido contato, explicações para variações e conflitos sociais, por exemplo. E

existe também o método comparativo interno, em que se busca comparar as sagas com outras evidências da sociedade escandinava como as inscrições rúnicas, para, por exemplo, detectar evidências de mudanças de religiosidade, de governo e autoridade. Esses métodos, portanto, constituem uma ruptura com a metodologia generalista e permite se pensar mais amplamente a sociedade escandinava medieval e as relações em que estavam envolvidas. No tocante ao seu valor histórico, as sagas islandesas são importantes fontes de pesquisa para os estudiosos da Escandinávia da era viking, pois seu conteúdo reflete aspectos da sociedade desse momento histórico.

Como já foi mencionado, a oralidade teve um papel primordial na composição das sagas, já que foram escritas em grande parte baseadas em relatos e histórias orais:

Os estudos sobre a oralidade das sagas islandesas estão relacionados, na realidade, diretamente às pesquisas sobre as origens da literatura escandinava. As investigações tradicionais criaram duas grandes vertentes teóricas: a da “prosa livre”, que enfatizava o papel primordial da narrativa oral na criação das sagas, e a “prosa livro”, que privilegiava a importância do escritor individual. Esta segunda vertente não excluía totalmente a oralidade, mas ela era usada somente em certas partes da saga para especificidades literárias, sempre evidenciando a autoridade criativa do indivíduo. Este ramo dos estudos propiciou o surgimento da concepção de autoria do “texto fechado” no mesmo caminho que os escritos contemporâneos (...) e que se tornou dominante nos estudos escandinavos e na forma de publicação das traduções desde o século XIX (Sigurðsson, 2007: 290). (...) No entanto, para Sawyer, 2006: 16, a cultura oral continuou a influenciar mesmo depois da introdução da escrita latina pela Igreja, e também acabou sendo afetada por esse meio de transmissão cultural. Assim, as primeiras leis, crônicas e histórias teriam sido baseadas na oralidade, mas numa mesma tradição afetada pela escrita. Os autores/escritores da Islândia medieval não seriam mediadores passivos, mas adaptadores – uma tradição (oral) baseada em uma realidade (a época da narrativa escrita) por meio de suporte escrito, criando uma nova tradição em comum: a audiência imanente (Sigurðsson, 2007: 294). (LANGER, 2009a, pp. 9-10)

Nesse contexto de transmissão das histórias via oralidade destaca-se o papel dos *Skalds*, ou poetas vikings, que eram indivíduos de grande prestígio social (pertenciam à nobreza) e a famílias geralmente tradicionais em sua arte, atuavam nas cortes, reuniões

de conselhos e residências de líderes locais, que poderiam ser em propriedades rurais, por exemplo. Relatavam verbalmente as narrativas heróicas, históricas, e declamavam poemas, que geralmente compunham em homenagem a um rei ou outra pessoa importante, entre outras atribuições tradicionais e folclóricas. Além disso, geralmente eram profundos conhecedores do alfabeto rúnico e da religião, e podiam atuar também como conselheiros reais e como inspiradores dos guerreiros antes das batalhas. Dessa forma, através de sua atuação, os *Skalds* perpetuavam através das gerações os feitos heróicos, as aventuras, e a busca pela riqueza, com relatos sobre indivíduos com as admiradas virtudes de reputação e vitória tão apreciadas pelos vikings:

Depois de uma batalha, os Vikings reuniam-se nas fazendas e nas habitações para festejarem. Após o banquete com muita comida e bebida, todos – das crianças até os velhos e mulheres – se reuniam para escutar atentamente as palavras do Skáld. O lugar mais importante era para o chefe local, que também recebia as maiores atenções do poeta. Numa situação onde a bebida era muito comum, os poemas recitados deviam competir com muita algazarra e os pedidos de silêncio deviam ser muito comuns. O skáld iniciava seu recitamento com uma série de estrofes que definiam as qualidades do *konungr* (“rei”), depois sua generosidade e por fim, elogios heróicos.

A principal meta do skáld era transmitir para a comunidade os principais atributos Vikings: coragem, bravura, ousadia, abandono ao amor, desprezo pela morte, generosidade, força da mente, fidelidade, astúcia. (LANGER, 2009b, pp. 189-190)

A técnica Skáldica tem início aproximadamente no séc.VII, passando pela era viking entre os séculos VIII e XI e prosseguindo até o século XIII, entre os *Skalds* mais conhecidos estão Egill Skallagrímsson e Snorri Sturluson que é o autor da *Heimskringla*, que é a coleção das Sagas dos Reis da Noruega, em que encontramos a saga do Rei Harald Harfager, que é utilizada como fonte primária na presente pesquisa. Sturluson compõe a *Heimskringla* se baseando em grande parte nas transmissões orais dos *Skalds*, que se mantinham muito vivas na tradição popular, com relatos e poesias das cortes do próprio Harald e de outros monarcas que reinaram na Noruega, que dessa forma tornam possível a composição dessas sagas reais que formam a *Heimskringla*, que é escrita por Snorri no século XIII.

A poesia skáldica se diferenciava de outras formas de poemas, como por exemplo, a *Edda*, por tratar de eventos contemporâneos à sua composição, pois como já foi mencionado, em sua maioria os poemas skáldicos eram declamados publicamente em homenagem a reis e grandes líderes, eventos estes, que narrados ou contados em forma de poesia, estavam situados em um contexto histórico específico, sendo transmitidos desse contexto em diante, através da palavra e da memória, tendo atravessado séculos até o momento em que foram finalmente escritos, conservados em sua transmissão por uma sofisticada métrica na qual eram compostos os versos. Assim sendo, muito do que sobrou dos poemas skáldicos e que foram posteriormente escritos na Islândia nos séculos seguintes à sua composição lançam luz a acontecimentos ocorridos durante a era viking, e também feitos guerreiros e de navegação são melhor compreendidos através dos mesmos. (ROESDAHL, 1998, pp. 179-180)

A passagem da tradição dos relatos orais para a escrita das sagas é fruto de um momento bem específico da história da Islândia. Faz parte de um processo no qual os colonizadores da ilha vão mantendo e construindo sua identidade originária de seu passado na Noruega, de onde é proveniente a maioria dos mesmos, e que vai sofrendo modificações e ao mesmo tempo mantendo permanências culturais, modificações essas fruto de mudanças políticas e religiosas que vão ocorrendo desde aproximadamente o ano 1000 e avançando até o século XIV. À partir daí a chegada do cristianismo e a introdução da escrita possuem um papel predominante na passagem dos relatos orais para a escrita, e essa passagem mesmo, dentro desse novo contexto, vai contribuir também para a permanência de elementos culturais anteriores, e mesmo reforçá-los, sendo assim mantida a identidade dessa população.

A colonização maciça da Islândia se dá na segunda metade do século IX, em grande parte devido à dissidência causada pela unificação da Noruega por Harald Harfager (cujos feitos guerreiros empreendidos pelo mesmo são o assunto privilegiado no presente trabalho), embora há indícios de uns poucos colonizadores que chegaram à ilha anteriormente, constituindo-se, portanto, a sociedade islandesa uma sociedade de imigrantes que adota o sistema legal baseado no sistema norueguês, no qual as leis são

promulgadas nos *Things*, ou conselhos, com a diferença de que na Islândia nos séculos iniciais da colonização, não havia poder coercitivo exercidos por nobres ou reis, tudo era decidido pelos colonos de forma coletiva nos *Things*, constituindo-se, portanto, o chamado “Estado livre”.

Por volta do ano 1000, após uma série de esforços missionários malsucedidos, o cristianismo é introduzido na Islândia, e vai se constituindo na ilha, ao lado ainda da permanência de traços da tradição pagã, uma tradição eclesiástica, na qual introduz-se a escrita, sendo assim a adoção do cristianismo um marco para a passagem da tradição oral para a escrita na ilha.

Entre os séculos XII e XIII ocorreram mudanças significativas nas relações de poder na Islândia, nesse momento começa a ocorrer um crescimento significativo de poder por parte de algumas famílias, ou seja, as mesmas passam a concentrar mais poder e predominar sobre outras lideranças, os grandes fazendeiros passam, a partir de um longo processo de concentração de poder, a dominar os fazendeiros e colonos menores, dando início a uma maior estratificação social, e assim, suas famílias e linhagens passam a gozar desse maior poder. (BYOCK, 2001, pp. 341 e 342). Com o aumento do poder das famílias dos grandes proprietários de terras e a introdução da escrita na Islândia como influência do cristianismo, essas famílias começam a produzir suas sagas, como uma forma de legitimação de sua origem, e dessa forma, de seu poder, pois estas sagas remetiam ao início da colonização da ilha, e, portanto, à chegada das famílias, e assim mostrando o desenvolvimento das mesmas e também de suas disputas locais. Assim, as sagas para os mesmos significava uma ferramenta para verificar a história local dessas famílias e de seus distritos, proporcionando assim uma justificativa histórica para a reivindicação de sua liderança. (BYOCK, 2001, p. 344)

O aumento de poder das grandes famílias também trouxe o aumento das disputas e conflitos na ilha, o que começou a por em xeque o Estado livre baseado nos conselhos ou *Things*, pois cada vez ficava mais complicado se estabelecer consenso nas decisões tomadas nas reuniões dos mesmos. Assim, aumenta o poder de arbitragem e domínio da coroa norueguesa nos assuntos da ilha, gerando terreno ali para suas políticas

expansionistas. Isso ocorre porque líderes locais ambiciosos começam a buscar aliança com monarcas noruegueses, o que vai gerar políticas como, por exemplo, a nomeação pelo rei Hakon da Noruega em 1258 de Gizur Thorvaldsson como Jarl (Earl)¹ sobre os outros líderes locais islandeses, aumentando o poder do mesmo na ilha, embora subordinado ao rei, e ao mesmo tempo aumentando o domínio da realeza da Noruega sobre a mesma, controle que foi se tornando cada vez mais próximo, e um modo de favorecimento que foi fazendo com que cada vez mais grandes proprietários desejosos de aumentar seu poder se colocassem a serviço do rei norueguês. Com a morte de Gizur em 1268, o rei da Noruega não nomeou mais Jarls para controlar a ilha, passando o próprio através de representantes diretos a estabelecer seu domínio sobre a mesma após o consenso das principais lideranças islandesas para que isso acontecesse, pois seria a melhor forma de se resolverem as disputas entre as lideranças locais, e garantir à Islândia um período duradouro de paz, e ao mesmo tempo o fim do chamado Estado livre.

Os séculos XII e XIII, dado o contexto mencionado na Islândia, com a gradual supressão do Estado livre para a maior aproximação com a coroa norueguesa, favorece, como já mencionado, uma maior produção das sagas, pois seus autores, em sua maioria, faziam parte de famílias importantes e dominantes na ilha, como Snorri Sturluson, autor da saga dos reis da Noruega, a chamada *Heimskringla*, que contém a saga do rei Harald Harfager, que é a fonte primária utilizada no presente trabalho. Assim, a produção desse tipo de saga, as sagas reais, fazem parte de um desejo de aproximação e ganho de prestígio dessas lideranças islandesas junto à coroa norueguesa, sendo o próprio Snorri um provável aspirante a esse prestígio, embora esse assunto ainda seja alvo de discussões, pois segundo Anthony Faulkes, nem sempre a visão política de Sturluson parece muito clara, mas podemos concluir claramente a influência dessa aproximação com a Noruega na produção de um conjunto de sagas reais como o *Heimskringla*:

Though much is Said in *Heimskringla* about relations between Norway and Iceland, the author's political views do not come out

¹ Título de nobreza nórdico.

clearly. It is obvious that Snorri had nothing against kingship, admired some Norwegian kings immensely and enjoyed being a courtier; on the other hand, the oft-quoted speech of Einarr Pveraeingr (sic) in defence of Iceland's independence (...) suggests that Snorri realized the dangers of Iceland coming under the power of Norway. Recent writers have stressed that Snorri and others who entered a feudal relationship with the king of Norway were not at the time seen as traitors to Iceland. (FAULKES, 2008, p. 313)

O resgate das histórias transmitidas oralmente através de versos e narrativas provenientes da era viking entre os séculos VIII e XI e recuperadas pelos escritores das sagas nos séculos XII e XIII remete, além dos interesses políticos e de poder das famílias islandesas, a um passado heróico que como sendo parte do povo escandinavo, os mesmos admiravam no modo de vida viking e nos feitos realizados por reis da época e por navegadores, e a um legado deixado pelos mesmos expresso no modo de vida dos islandeses mesmo após a chegada do cristianismo, e na manutenção de traços culturais deixados por esses antepassados em seu modo de viver, agir e pensar:

When the Scandinavians themselves, however, started to Record the exploits of their Viking ancestors, they painted a much more glorious picture of what they had accomplished as warriors, seafarers, settlers, and pioneering Explorers of foreign lands. In the twelfth and thirteenth centuries, when the classical Old Norse sagas and skaldic poems were committed to parchment, the Viking era began to be regarded as the heroic age of Scandinavia. A fascinating literature developed, particularly in Iceland, but also to some extent in Norway and Denmark; it is this literature, more than anything else, that has formed later ideas about Viking life, even today, and not only in Scandinavia. (LÖNNROTH, 1997, p. 225)

Assim, mesmo muitas vezes as sagas terem elementos de conotação mitológica ou fictícia misturada à realidade, não deixam de retratar códigos sociais, políticos e de condutas esperados dos escandinavos em suas ações, elementos que refletem os valores aceitos por uma sociedade e que fazem parte de sua mentalidade, sendo as sagas um veículo também de memória social. Daí o valor das sagas islandesas como uma fonte histórica confiável sobre a era viking, pois refletem os valores e códigos dessa

sociedade, resgatando-os através das histórias contidas nas mesmas, assim, os islandeses escrevem as sagas “sobre eles mesmos e para eles mesmos”. (BYOCK, 2001, p. 25). Além disso, falando mais especificamente sobre as sagas reais como a *Heimskringla*, assim como já foi discutido nesse capítulo, a confiabilidade dos seus relatos se deve em muito ao fato de se basearem nos poemas skáldicos declamados na corte norueguesa em homenagem aos reis vikings, e assim sendo, deveriam conter veracidade para serem aceitos, pois uma homenagem a um monarca não poderia ser aceita se baseada em fraudes ou informações falsas:

Many are preserved in Snorri Sturluson’s *Heimskringla*, and Snorri, himself a Scald., argues for the authenticity of the poems in his preface. He singles out the old skaldic poems and the historical writing of his compatriot Ari Thorgilsson as his most important sources but ends by saying that even though Ari had learnt from ‘old intelligent persons’ and was himself ‘anxious for information, intelligent, and of excellent memory’, the most accurate information came from the poems ‘if the metrical rules are observed in them and if they are sensibly interpreted’. Snorri also relates that there were scalds at the court of the Norwegian king Harald Finehair around 900 ‘...whose poems people know by heart even at the present day, together with all the sagas about the kings who have ruled in Norway since his time’. He goes on:

‘although it be the fashion with scalds to praise most those in whose presence they are standing, yet no one would dare to relate to a chief what he, and all those who heard it, knew to be false and imaginary, not a true account of his deeds; because that would be mockery, not praise.’ (ROESDAHL, 1998, p. 13)

Concluindo, a junção da tradição de relatos orais com a tradição escrita na produção das sagas islandesas, contribuiu de forma determinante para que hoje os pesquisadores de Escandinávia medieval e da era viking pudessem ter uma fonte confiável sobre a sociedade da época, o que aliado a outras fontes como os achados arqueológicos, inscrições rúnicas, etc. lança grande luz aos estudos sobre os vikings, sua sociedade, política e cultura, bem como a importância dos feitos guerreiros para os mesmos, feitos que são o alvo principal do presente estudo.

CAPÍTULO II – Guerra e cultura: elementos inseparáveis em campo de batalha.

Antes de procedermos à análise da saga de Harald Harfager e do papel que os feitos guerreiros desempenharam na sua ascensão como líder de um processo de conquistas que ao mesmo tempo unificou a Noruega sob seu domínio, e que foram de fundamental importância na construção de seu poder monárquico estendido a uma região mais vasta do que a que inicialmente tinha direito como herdeiro de sua linhagem, precisamos discutir a natureza da guerra, dos próprios feitos guerreiros em si. Assim sendo, cabe-nos a proveito desse estudo fazer a seguinte indagação: O que seria a guerra? A que fatores ela está ligada? Para se responder a essas perguntas, nos apoiamos na idéia que o historiador militar britânico John Keegan nos apresenta em relação à guerra e a sua natureza, através de seu livro intitulado *Uma história da guerra*. (KEEGAN, 2006).

Em *Uma história da guerra*, Keegan faz uma crítica ao historiador militar iluminista Clausewitz, e à sua idéia da natureza da guerra como uma continuação da política por meios violentos, e através dessa crítica, apresenta uma nova visão sobre a natureza da mesma, ou seja, não são apenas os fatores políticos os responsáveis pela eclosão das guerras e das ações guerreiras dos homens, mas principalmente os fatores culturais entranhados em cada sociedade é que ditam o porquê de se combater e o modo de se combater de cada sociedade que a pratica. Partindo da idéia defendida por Keegan então, podemos de acordo com esse referencial, analisar o que a guerra representava para os escandinavos da era viking e seus monarcas no contexto cultural ao qual estavam inseridos, e antes disso, fazer também uma abordagem das características que a guerra apresentava no ocidente medieval no contexto contemporâneo à era viking.

A princípio então, cabe-nos discutir a natureza da guerra segundo o referencial teórico proposto. Assim sendo, não é a guerra uma continuação da política por outros meios como pretendia Clausewitz, pois de acordo com John Keegan se apoiar nesse pensamento implica se pensar a guerra num contexto limitado à existência dos Estados e das relações interestatais, sendo assim um pensamento baseado num raciocínio

incompleto, pois a guerra precede a existência dos Estados, e mesmo após a existência dos mesmos, está impregnada pelos elementos culturais dos povos:

(...) Contudo, a guerra precede o Estado, a diplomacia e a estratégia por vários milênios. A guerra é quase tão antiga quanto o próprio homem e atinge os lugares mais secretos do coração humano, lugares em que o ego dissolve os propósitos racionais, onde reina o orgulho, onde a emoção é suprema, onde o instinto é rei. “o homem é um animal político”, disse Aristóteles. Clausewitz, herdeiro de Aristóteles, disse apenas que um animal político é um animal que guerreia. Nenhum dos dois ousou enfrentar o pensamento de que o homem é um animal que pensa, em quem o intelecto dirige o impulso de caçar e a capacidade de matar. (...) Para nós, a cultura parece ser a grande determinante de como os seres humanos se comportam; nos debates acadêmicos entre “natureza e cultura”, é a escola da cultura que obtém mais apoio dos espectadores. Somos animais culturais e é a riqueza de nossa cultura que nos permite aceitar nossa indiscutível potencialidade para a violência, mas também acreditar que sua expressão é uma aberração cultural. As lições da história nos advertem que os Estados em que vivemos, suas instituições, até mesmo suas leis, chegaram-nos por meio de conflitos, amiúde do tipo mais sangrento. (...) Nossas instituições e leis, dizemos para nós mesmos, estabeleceram tantas restrições à potencialidade humana para a violência que, na vida cotidiana, nossas leis irão puni-la como criminosa, enquanto sua utilização pelas instituições do Estado tomará a forma particular de “guerra civilizada”. (KEEGAN, 2006, pp. 18-19)

Assim sendo, Clausewitz concebia a guerra como continuação da política por conta do próprio contexto cultural ao qual estava inserido, sendo ele mesmo fruto desse contexto:

“A guerra como continuação da política” foi a fórmula que Clausewitz escolheu para expressar o compromisso estabelecido pelos Estados que conhecia. Mantinha-se o respeito pela ética dominante – de soberania absoluta, diplomacia ordenada e tratados legais –, ao mesmo tempo que se levava em conta o princípio superior do interesse do Estado. (...) Pressupunha-se um alto nível de disciplina militar e um grau imenso de obediência dos subordinados a seus superiores cumpridores da lei. Esperava-se que a guerra assumisse certas formas estreitamente definidas – cerco, batalha campal, escaramuças, incursões, reconhecimento, patrulha, postos avançados –, cada uma delas com suas próprias convenções reconhecidas. Pressupunha-se que

as guerras tinham um começo e um fim. O que não se levava em conta de forma alguma era a guerra sem início ou final, a guerra endêmica de povos sem Estado, ou mesmo estágio pré-estatal, nos quais não havia distinção entre portadores legais e ilegais de armas, uma vez que todos os homens eram guerreiros; uma forma de guerra que prevalecera durante longos períodos da História da humanidade e que ainda sobrevivia nas margens dos Estados civilizados e, com efeito, era posta a serviço desses Estados mediante a prática comum de recrutar seus praticantes como soldados “irregulares” de cavalaria ou infantaria. Os oficiais dos Estados civilizados desviavam seus olhares dos meios ilegais e incivilizados que esses guerreiros irregulares utilizavam para recompensar-se em campanha, bem como de seus métodos bárbaros de lutar; contudo, sem os serviços que ofereciam, os exércitos excessivamente treinados nos quais Clausewitz e seus pares tinham se formado dificilmente seria capazes de se manter em campo. Todos os exércitos regulares, até mesmo os da revolução francesa, recrutavam soldados irregulares para patrulhar, reconhecer e travar escaramuças para eles; durante o século XVIII, a expansão desse tipo de força – Cossacos, “caçadores”, highlanders, “fronteiriços”, hussardos – constituía um dos acontecimentos militares mais notados. Seus padrões civilizados decidiram cobrir com um véu seus hábitos de saquear, pilhar, estuprar, assassinar, raptar, extorquir e sistematicamente vandalizar. Preferiam não admitir que se tratava de uma forma de guerrear mais antiga e mais disseminada que aquela que praticavam; “a guerra [...] continuação da política”, uma vez formulado o pensamento por Clausewitz, o oficial pensante passou a ter um ângulo filosófico conveniente para contemplar os aspectos mais antigos, escuros e fundamentais de sua profissão. (KEEGAN, 2006, pp. 20-21)

Segundo a perspectiva de Keegan, é exatamente no plano cultural que a teoria de Clausewitz encontra falhas, já que o mesmo concebia a guerra como ela deveria ser dentro da tradição regimental na qual fora treinado como militar, logo, ele entendia a guerra como ele a conhecia dentro da sua tradição cultural, desconsiderando o tipo de guerra praticado por povos de cultura distinta, povos inclusive até mesmo contemporâneos a essa tradição em que fora criado, como por exemplo, o caso acima citado de soldados mercenários como os Cossacos na Rússia. Assim, o mesmo cria uma dicotomia baseada na oposição “guerra verdadeira”, ou seja, a guerra segundo os parâmetros no qual sua tradição era oriunda, versus a “guerra real”, ou seja, a guerra

praticada por povos de cultura diferente da sua, tida como bárbara e mais sanguinária, ou seja, para Clausewitz a guerra verdadeira é a guerra continuação da política.²

A conclusão, portanto, a que John Keegan nos quer fazer chegar, é que cada povo, de acordo com seu contexto cultural e temporal, possui seu próprio *Ethos* guerreiro, ou seja, a sua própria ética ditada por sua cultura no tocante a se fazer guerra, e que também pode sofrer modificações ou incorporações de elementos culturais de outros povos em sua ética guerreira e no “por que se combater”; assim, guerra e política nem sempre são elementos que se misturam, pois nessa perspectiva constituem esferas autônomas e nem sempre convergentes dentro das atividades humanas, porém, guerra e cultura se tornam elementos inseparáveis no campo de batalha.

Baseados então nessa perspectiva é válido fazermos então uma abordagem relativa à cultura guerreira do ocidente medieval no contexto histórico contemporâneo à era viking, e mais especificamente ao século IX, no período em que ocorre a unificação norueguesa, sem que isso impeça que possamos abranger um pouco também, nesse exercício comparativo, aspectos comuns ao *ethos* guerreiro predominante durante a alta idade média de uma forma geral.

O ocidente medieval, ou seja, a parte ocidental do continente europeu durante o período histórico da Idade média constrói suas estruturas políticas, sociais e culturais a partir da crise da civilização do império romano e da fusão dos elementos desta com a dos povos germânicos chamados de “bárbaros”. Esses povos, por sua vez dão formação aos reinos germânicos, que além de elementos de organização própria, incorporam elementos tais como a religião predominante no império nos seus últimos momentos, ou seja, o cristianismo, o que provocará uma fusão cultural que será de grande influência sobre o modo de se combater no ocidente medieval cristão, que em alguns pontos irá convergir, mas em outros irá divergir quanto ao que motivava os escandinavos do século IX e, portanto, da era viking a combaterem, e ao papel da figura no rei na guerra, e o papel da guerra para o rei.

² Sobre a questão guerra real versus guerra verdadeira ver (KEEGAN, 2006, pp. 35-46)

Como se verá mais à frente, quando for tratada mais especificamente a questão dos reis vikings, veremos que os escandinavos valorizavam e davam legitimidade ao líder que conduzia os exércitos em batalha, e que o rei deveria ser um comandante militar por excelência.

De uma forma semelhante, na Europa cristã contemporânea a era viking, conforme o costume germânico que herdou, era esperado também que os reis ou parentes próximos, de preferência filhos, estivessem à frente dos exércitos nas batalhas, assim como em alguns casos, era semelhante também a perspectiva de se guerrear para a obtenção de saques, conquistar territórios de vizinhos, ou mesmo para obter favores de um senhor mais poderoso, embora algumas dessas práticas tenham sido abolidas com o passar do tempo, devido a uma das principais diferenças entre o modo de fazer guerra dos nórdicos e a dos reis da maior parte do território europeu do período, a ética cristã.

A ética cristã era o que diferenciava os primeiros guerreiros medievais de seus antepassados germânicos, embora nem sempre ela fosse seguida à risca. De acordo com essa ética, deveria haver uma guerra “apropriada”, ou seja, aboliram-se práticas como a de se escravizar ou massacrar os membros de exércitos derrotados, com a exceção de que os mesmos fossem pagãos. Havia também o costume dos guerreiros antes de partirem para o combate, comungarem e confessarem seus pecados, além de outros ritos consagratórios.

Deve ser citada também a teoria elaborada pelo clero da “guerra justa”, na qual para se levar a efeito uma guerra, a mesma deveria ser em prol da justiça, para defender o território contra os “bárbaros”, ou em defesa da religião. Nesse contexto, a igreja também ordenava entre outras coisas, que os guerreiros que matassem durante as guerras deveriam se penitenciar, o que raramente acontecia na prática. (JESTICE, 2012, pp. 16-20).

Assim, a introdução da ética cristã e dos modelos cristãos na guerra e na liderança dos reis na mesma, obedece justamente essa fusão dos elementos romanos e cristãos na construção da civilização medieval ocidental, e produz a sua ética guerreira,

construída assim ao longo da alta idade média, como podemos ver de acordo com Guy Halsall:

(...) With this in mind, it will not be surprising that warfare and the right to control or participate in it was a very important aspect of the construction of various forms of identity in this period. At the very top of society, early medieval kingship was closely bound to up with warfare. Traditionally this was seen as an inheritance from ancient Germanic traditions imported in to the rest of Europe as Germanic barbarians took over political control of former Roman provinces. (...) Fifth- and sixth-century panegyrics for early medieval western kings habitually stress their martial valour. By the seventh century, the Old Testament had become a key source of ideas about kingship, as it was obviously full of models of the righteous warrior king, such as David or Joshua. In a sense, the characteristics of idealized kingship had not altered, but the idioms through which they were expressed had changed towards a greater relative emphasis upon Old Testament biblical models. Older motifs remained on and of course there was considerable overlap between the two, not simple in terms of the array of characteristics regarded as making up a good king, but also because the Western Roman Empire had been Christian for the last century and a half of its existence. (...) Another origin for the military function of the post-Roman kings was the Roman army itself. A number of early medieval dynasties, and 'peoples' arose in the context of military service in the Roman Empire. (...). (HALSALL, 2003, pp. 25-26).

Feitas estas breves considerações a respeito da ética militar dos povos do ocidente medieval cristão, cabe-nos analisar agora a ética militar dos escandinavos da era viking no período correspondente à sua expansão para outras regiões da Europa. Os vikings, denominação mais específica aos escandinavos que se lançavam ao saque e à pirataria entre os séculos VIII e XI, não lutavam necessariamente por territórios, em nome de deuses ou reis, mas geralmente, o que os impulsionava a deixar suas terras natais era a busca por riquezas materiais e por liberdade, além de um marcante entusiasmo aventureiro. Seus objetivos estavam mais relacionados com uma perspectiva de controle dos mares, ganhos econômicos e satisfação das necessidades dos envolvidos nos saques, o que para eles significava que a propriedade de um bom butim e a posse dos bens obtidos se traduzia em poder de compra e comércio, e tudo isso ainda

significava para os mesmos prestígio e uma boa posição na sociedade, além da glória pessoal que esses indivíduos traziam para si.

Considerando o fato de que a Escandinávia desse período histórico era uma terra mais fria e estéril que o restante da Europa, se tornava mais fácil para a sobrevivência e para obter maiores bens e riquezas lançar-se aos mares. Assim, o saque e o comércio eram atividades muitas vezes combinadas, sendo que o saque e a pirataria representavam uma oportunidade de se conseguir riquezas de uma forma mais rápida. (SPRAGUE, 2007, pp. 33-34).

Assim, é de se chamar a atenção também, que entre as causas da expansão viking, principalmente no tocante à Noruega da segunda metade do século IX, durante as guerras movidas pelo rei Harald Harfager para a unificação do território sob seu poder, houve uma massiva fuga de exilados que se instalaram nas ilhas Órcadas e Hébridas no litoral da atual Grã-Bretanha, e ainda a colonização da Islândia, com muitos inclusive se lançando a atividades de pirataria mar afora, configurando-se muitas vezes como motivo da expansão, mudanças políticas na terra natal.

Para os vikings não havia distinção clara entre vida civil e militar, esses dois aspectos se encontravam na maioria das vezes combinados (GRIFFITH, 1995, pp.22), pois em se falando das atividades de pirataria em si, que são as atividades guerreiras mais conhecidas dos mesmos, eram empreendidas muito mais numa perspectiva de sobrevivência e subsistência, então o “ser um soldado” para os vikings obedecia à seguinte perspectiva:

(...) To a Viking, the Best definition of a soldier would surely have amounted to little more than ‘an ordinary citizen who understands that he’s living in a dangerous human environment’. He has to carry personal protection and to be a master of lethal force when necessary, although this may not mean he is any less of a handyman, a navigator, a husband or an athlete. In a society with very warlike codes of social, religious, literary and legal practice this definition would mean that almost all adult males might be counted as ‘soldiers’. (...) Who, after all, could possibly doubt that sword and shield were needed to defend croft and boat, just as plough and fishing-line were needed to bring

forth the wealth of land and sea respectively? War and peace were indeed inseparable in Viking society, as has been very understood by most modern scholars. (GRIFFITH, 1995, pp. 23).

Não necessariamente um Viking empreendia suas atividades guerreiras por motivos políticos, ou se assim o fizer, não exatamente o fará por motivos puramente dessa natureza. O *Ethos* do guerreiro Viking está muito mais ligado à sua cultura de honra, bravura e coragem para sobreviver, e para a manutenção de sua própria subsistência e ganho de prestígio pessoal do que a uma ética política e religiosa, embora esses aspectos estejam naturalmente presentes na guerra viking, mas, porém, para esses escandinavos, seguir a um rei ou senhor, está muito mais relacionado às vantagens e ganhos que esse senhor vai lhes proporcionar e na reputação que irão conseguir, pois isolados da influência da civilização romana e cristã durante a maior parte da alta Idade Média, possuíam uma cultura e *Ethos* guerreiro bem peculiares, sendo que qualquer “civil” poderia ser um guerreiro em potencial, diferente do Ocidente medieval cristão, onde nem todos os indivíduos tinham a prerrogativa de portar armas, estando isso reservado a certos extratos da sociedade como a nobreza. E para os nórdicos, também não havia um treinamento militar formal, mas o mesmo era adquirido naturalmente de acordo com a própria experiência geralmente:

The Vikings employed basic war tactics. They had few formal weapons and little battlefield training, nor were they part of an organized and disciplined army that relied on extensive formations. But because they lived in a society built on warrior codes such as bravery and honor, when called upon, most adult males were prepared to pick up arms and fight. Basic weaponry skills were acquired at home or on hunting trips from a young age, promoted and taught by elders. Other skills were learned on a trial and error basis during the raids themselves. Paradoxically, the lack of a formal military organization was a contributing factor to Viking military success and enabled them to be unorthodox and unpredictable in their approach, especially in their combined use of sea and land warfare. (SPRAGUE, 2007, pp. 169).

Paddy Griffith, em seu estudo sobre a arte Viking da Guerra, faz também uma crítica a Clausewitz, e falando especificamente dos Vikings, ao contrário dos pressupostos puramente políticos da guerra defendidos pelo historiador prussiano, define que a guerra ao modo Viking varia de motivação conforme os objetivos e estabelece quatro tipos de guerra nórdica que podemos identificar mais ou menos da seguinte forma (GRIFFITH, 1995, pp. 105-109):

- 1) Guerras empreendidas por famílias contra outras famílias, com o objetivo de vingar uma ofensa, por exemplo. Esse tipo de guerra é conhecido como “guerra das sagas” por serem largamente relatadas nas sagas de família dos islandeses.
- 2) As “ações da casa real” eram um tipo de guerra que preconizavam expedições empreendidas por reis dentro geralmente de um ou mais territórios, para a conquista desse território propriamente, em que visavam coletar taxas dos novos súditos e buscar apoio dos mesmos, por exemplo, e para a imposição de seu domínio, onde os que aceitavam seu domínio eram favorecidos com vantagens e riquezas, e os que não aceitavam eram combatidos.
- 3) Existiam as famosas e mais bem conhecidas ações guerreiras do tipo “sair como Viking” eram nada mais do que atividades bélicas conduzidas por particulares com o objetivo de aumentar suas riquezas e prestígio pessoal através do saque e da pirataria, ou mesmo para punir ou se vingar de desafetos.
- 4) Existe ainda o tipo de guerra que Griffith chama de “Campanha do exército real”, que é semelhante à ação de “Sair como Viking”, com a diferença de que era uma ação perpetrada por líderes de exércitos maiores e muitas vezes por reis desterrados.

Assim, a cultura militar Viking em seu *ethos* obedecia a uma ética própria, baseada numa cultura de glória guerreira individual compartilhada Coletivamente. E para essa cultura era honroso ser corajoso, e pegar em armas era algo comum aos indivíduos do sexo masculino de qualquer extrato social, e a guerra fazia parte da vida comum, sendo um aspecto indissociável da mesma, o que era refletido nas próprias noções de estratégia e ideais militares reforçados muitas vezes em sua própria mitologia:

The Vikings prized a number of military ideals. The strength and courage of Thor the thunderer is an obvious example, just as skill at arms, in the sense of adroit personal weapon-handly, was obviously important to the up-bringing of anyone with the least pretention to nobility, and to many of others besides. Skill in seafaring was also clearly an immensely useful attribute that could be learned by daily experience. But beyond such things there was also the more slippery ideal of Odin the Wily war god, who was simultaneously the god of poetry, education, deceit and trickery. The association of all these qualities in a single figure surely tell us something important about the doctrinal background to Viking warfare, insofar as it shows us that they would not always want to rush unthinkingly in to a frontal attack. Cheating, and 'striking the enemy where he isn't' were both very central to the Viking art of war. (GRIFFITH, 1995, pp. 109).

Desta forma, podemos concluir sob o referencial teórico de John Keegan, que se a guerra está intrinsecamente ligada em seu modo de acontecer à cultura de cada povo que a pratica, e para proveito do presente estudo, podemos observar que tanto a cultura guerreira do ocidente medieval cristão como a dos escandinavos Vikings, apesar de até mesmo haver a possibilidade de possuir algumas semelhanças, possuíam éticas diferenciadas e peculiares permeadas por sua própria construção cultural.

Assim, o ocidente medieval lutava permeado pela ética cristã, e de se combater de preferência um inimigo não cristão, e os nórdicos lutavam por sobrevivência e numa perspectiva mais relacionada à construção de uma glória pessoal ratificada por uma cultura de bravura e coragem, não importando se quem luta é um rei objetivando expandir seus domínios, como veremos a seguir na análise da saga de Harald Harfager, ou se quem pega em armas é um pirata Viking com o objetivo de acumular riquezas ou bens de comércio, ou ainda, um desterrado à procura de novas terras para colonizar.

CAPÍTULO III – A Saga de Harald Harfager e o papel dos feitos guerreiros na construção de um rei escandinavo no século IX.

Nesse capítulo, trataremos finalmente da análise da Saga do rei norueguês Harald Harfager, que através de uma prolongada guerra contra outros reis e líderes locais das regiões que compunham o atual território norueguês no século IX, conquista uma sucessão de territórios dos mesmos que vai culminar na unificação de toda a Noruega sob seu jugo por volta do ano 872. Sua Saga é de grande importância a este estudo sob a perspectiva teórica da guerra como um aspecto da vida das sociedades atrelada não somente à política, mas permeada por elementos culturais que dão significado à mesma de acordo com cada povo em questão, como vimos no capítulo anterior a respeito dos vikings, como no século IX podemos denominar o povo escandinavo de uma forma geral, apesar do termo “Viking” designar mais especificamente os piratas escandinavos da época. Porém, apesar disso, que gera uma discussão terminológica mais específica a qual não iremos nos ater aqui, falar de Vikings também significa falar especificamente de guerreiros dessa sociedade, aos quais a guerra tem um significado peculiar, significado esse fundamental para a ascensão de um líder ou monarca.

No primeiro capítulo do presente trabalho procedemos a uma contextualização da Islândia no momento da produção das Sagas islandesas, para uma explicação das condições históricas que propiciaram a produção das mesmas, dentre as quais encontramos a saga dos reis da Noruega, também conhecida como *Heimskringla*, e dentro da mesma, a Saga de Harald Harfager. Agora, porém, cabe-nos fazer uma rápida contextualização sobre as condições da Noruega no momento do surgimento de Harald e de quando este inicia o processo de unificação da mesma sob seu poder.

A região da Noruega até o século IX era composta politicamente por vários pequenos reinos e condados chefiados por grandes proprietários e detentores do controle de rotas de comércio, e havia constantes conflitos entre esses líderes, que acabava hora ou outra sempre culminando no desaparecimento de alguns desses pequenos domínios,

ou no que podemos chamar no atual sentido da palavra “anexações” de domínios de líderes menores por líderes maiores por acordos, guerras, ou intimidação. Por ordem de importância no domínio e acesso a recursos, propriedade de terras e rotas de comércio na era Viking, Gwyn Jones (JONES,1984, pp. 79-81) divide a Noruega desse período em três principais regiões: o leste, o norte e a costa oeste, sendo o leste, portanto, a região mais próspera em recursos, mais especificamente a região de Vestfold, na qual dominava a casa real mais proeminente de todas, da qual Harald fazia parte. Essa dinastia era a dinastia dos Ynglings, que tem sua saga também escrita em *Heimskringla* por Snorri Sturluson, a saga seguinte, que já passa a se concentrar em um rei específico, Halfdan, o negro, pai de Harald Harfager, relata as conquistas territoriais do mesmo após herdar justamente a região de Vestfold como seu domínio, região a partir da qual seu filho Harald após sua morte irá se expandir até o domínio de toda a Noruega.

A tradução do nórdico antigo para o inglês de *Heimskringla* que utilizaremos para a análise da Saga de Harald Harfager neste trabalho (Não existe ainda uma tradução para a língua portuguesa) é de Lee M. Hollander (HEIMSKRINGLA, 2011.), e sua análise tem como objetivo, através do referencial metodológico da análise estrutural narrativa, proposto por Tzvetan Todorov e indicado por Ciro Flammarion em sua obra *Narrativa, sentido, História* (CARDOSO,1997.), demonstrar como a guerra para os nórdicos no contexto da unificação norueguesa no século IX, relatada na saga de Harald Harfager, se relaciona com as características que regem sua cultura, indo além dos aspectos puramente políticos.

Este referencial teórico-metodológico é proposto por Ciro em sua obra, baseado numa perspectiva de análise histórico-literária de textos narrativos, em que são propostos métodos de análise destes textos baseados nos estudos principalmente de Luciem Goldmann e Tzvetan Todorov. Ambos os autores trabalhavam com a análise estrutural de textos literários, Goldmann desenvolve a idéia de uma “sociologia genética” da literatura, onde, segundo o mesmo, uma obra literária quando escrita por um determinado autor, está determinada por uma ideologia de classe, não sendo fruto apenas da mente do indivíduo que a escreveu, sendo parte, portanto, de um contexto coletivo mais amplo.

Tzvetan Todorov desenvolve a idéia de uma poética estruturalista, uma ciência da literatura, onde cada obra se relaciona com um universo literário, não estando, portanto em uma situação isolada diante de um corpo de obras semelhantes, que formam os gêneros literários, onde se podem perceber leis gerais que as aproximam. Porém, a poética de Todorov não seria na prática uma ciência de todos os aspectos da literatura, mas se relacionaria mais com a prosa narrativa, tentando se construir uma gramática do relato. Assim, para se fazer a análise narrativa dos textos, temos as proposições narrativas que se organizam em sequências que se dividem em cinco partes: 1) situação inicial; 2) perturbação da situação inicial; 3) desequilíbrio ou crise; 4) intervenção na crise; e 5) novo equilíbrio (que pode ser semelhante ou não à situação inicial). Esses elementos, portanto, permitem que deles se extraia a análise da obra literária em questão. Para Ciro Flammarion, a contribuição desses autores no tocante à análise dos textos literários e a inserção dos mesmos nos contextos em que foram produzidos, permite que esses métodos de análise possam ser aplicados no estudo de fontes históricas escritas.

Neste trabalho, utilizaremos as sequências desenvolvidas na poética todoroviana para se fazer uma análise da estrutura narrativa da saga de Harald Harfager. Consideraremos, porém, apenas os capítulos que tratam do processo da unificação norueguesa levada a efeito pelo mesmo, já que a saga após esse feito continua, mas essa parte constitui o que interessa a nosso estudo, que tem por objetivo comprovar através desse estudo de caso, a relação da guerra com os aspectos culturais dos povos que a praticam, como pretende teorizar John Keegan em *Uma história da guerra*, relação essa que tentaremos aplicar aos povos escandinavos no contexto da era viking, através do exemplo da unificação norueguesa no século IX.

Sequência 1:

Situação inicial (Cap.1): Harald sucede seu pai no reino, mas como tinha apenas dez anos de idade, seu tio materno Guthorm toma para si o comando da corte do rei, incluindo o exército.

Perturbação da situação inicial (Cap.1): Após a morte de Halfdan, o negro, pai de Harald, muitos líderes rivais fazem incursões nos domínios que o mesmo havia conquistado e que agora estava sob o domínio de Harald.

Desequilíbrio ou crise (cap.1): Um dos líderes rivais citados, Haki, filho de um rei inimigo chamado Gandalf, avança sobre a região de Vestfold tomando muitos domínios e objetivando combater Harald. Gandalf permanece na localidade de Lóndir com seu exército, planejando também avançar contra Vestfold.

Intervenção na crise (Caps. 1 e 2): Quando Guthorm toma conhecimento do ocorrido, junta tropas e juntamente com Harald, avança sobre Haki e seu exército, ocorre uma batalha e Harald sai vitorioso com a morte de Haki na mesma. Após isso, Harald e Guthorm avançam também sobre o exército de Gandalf, e após uma dura batalha Gandalf é derrotado e retorna aos seus domínios após ter perdido a maior parte de seus homens. Temendo ter o mesmo destino, outros líderes inimigos que haviam também invadido territórios herdados por Harald, se reúnem na região das terras altas. Descobrendo o local do encontro, Harald e Guthorm com seu exército chegam à noite, e antes de serem descobertos pelos sentinelas, põem fogo na casa onde dormiam seus inimigos, e os que tentam escapar são mortos em batalha, e após isso, Harald e Guthorm tomam posse das terras ao norte da região de Vilgulmork.

Novo equilíbrio (Cap.2): Após várias batalhas Harald e Guthorm vencem também o rei Gandalf, e após a morte deste na última batalha, tomam posse de todas as terras ao sul do rio Raum.

Sequência 2:

Situação inicial: (Coincide com o novo equilíbrio da sequência 1)

Perturbação da situação inicial (Cap 3): O rei Harald envia mensageiros a uma moça chamada Gytha, filha do rei Eirik de Horthaland, que estava sendo criada em Valdres por um poderoso senhor. Harald a desejava como sua concubina, quando os mensageiros chegaram até ela, lhe comunicaram o desejo do rei Harald.

Desequilíbrio ou crise (caps. 3 e 4): Gytha recusa o convite do rei Harald, dizendo que não se entregaria como esposa a um rei que possuía não mais que poucos domínios, mas somente a um rei ambicioso o suficiente que subjugassem todas as terras da Noruega, a exemplo do que fez o rei Gorm na Dinamarca e o rei Eirik de Uppsala, e despacha os contrariados mensageiros de Harald pedindo que lhe dissessem que se a exemplo dos reis citados, fosse ambicioso o suficiente para conquistar toda a Noruega sob seu domínio, aí então aceitaria se tornar sua esposa. Os mensageiros então partem e contam a resposta da moça ao rei, esperando que o mesmo se vingasse e a mandassem trazer à força.

Intervenção na crise (Caps 4 a 18): Harald ao invés de se aborrecer com a resposta de Gytha aos mensageiros, na verdade fica satisfeito por suas palavras e por lembrá-lo de uma conquista que poderia a exemplo dos reis que a mesma cita, ser realizada por ele. Assim, Harald faz o juramento de não cortar ou pentear os cabelos até que toda a Noruega esteja conquistada sob seu poder e sujeita a seus impostos, ou morrer na tentativa. Harald dá início a suas conquistas juntando um grande exército e rumando às terras ao norte das montanhas Dofra, matando e queimando casas na região, causando uma grande fuga de pessoas para as regiões de Orkadal e Gaulardal, e para as florestas. Aqueles, porém, que jurassem aliança ao rei e ficassem a seu serviço eram poupados.

Assim, o rei não encontra resistência até chegar a Orkadal, onde o rei Gryting junta um exército contra Harald, é derrotado em batalha, feito prisioneiro e acaba por fim jurando lealdade ao mesmo, o que acaba sendo feito por toda a população de Orkadal. Em todos os lugares que conquista, Harald estabelece Earls e passa a considerar todas as terras como suas, deixando os Earls responsáveis pela coleta dos impostos e taxas que todos os fazendeiros, tanto grandes como pequenos deveriam pagar, além de exercer a justiça, tendo direito a reterem para si a terceira parte desses

impostos. Cada Earl tinha abaixo de si quatro Herses, ficando todos responsáveis a fornecer uma determinada quantidade de Homens para o exército. Harald aumenta os impostos de tal maneira que os Earls se tornam mais ricos sob seu poder do que os antigos reis dessas regiões antes de sua conquista, fazendo com que muitos homens de influência dos distritos de Trondheim se colocassem voluntariamente ao seu serviço. Nessa região, muitos se colocam a seu serviço, mas, porém, encontra também uma resistência considerável a seu avanço, porém, após muitas batalhas consegue subjugar toda essa região.

Após essas e outras conquistas, Harald avança para a região de Moer, e enfrenta uma grande resistência de líderes guerreiros como o rei Húnthjóf e seu filho Solvi Klofi, e o rei de Naumudal Nokkvi, que juntam um grande exército ao saberem da aproximação de Harald, e se encontram com sua frota na ilha de Solskel, onde ocorre uma grande batalha na qual Harald é vitorioso, e os reis citados morrem em combate e Solvi Klofi escapa fugindo. Assim, Harald toma posseção dos distritos dessa região e coloca ali líderes de confiança para cuidar do governo e da defesa.

Na primavera seguinte, Harald junta um grande exército e o conduz ao sul de Moer. Solvi Klofi, havia durante o inverno matado muitos homens de Harald e saqueado a parte norte dessa região. Sabendo da aproximação do exército do rei Harald, e tendo estado com o rei Arnvith, seu parente, viaja ao distrito do Fjord para encontrar também o rei local, Authbjor, para se juntar a ele e a Arnvith juntando um grande exército contra Harald. Authbjorn aceita e aceita e a batalha ocorre nas terras próximas à ilha de Sólskel, com amplas perdas dos dois lados. Tanto o rei Arnvith quanto Authbjorn morrem em batalha com a fuga de Klofi mais uma vez, e assim Harald é vitorioso e toma posse do território do sul de Moer, e em seguida conquista o distrito do Fjord.

Harald conquista em seguida as regiões de Vermaland e Vilgunmork, invadindo a seguir Gautland, onde enfrenta uma grande batalha com grandes baixas, e é vitorioso. Finalmente, uma grande coligação de reis de Horthaland, Rogaland e Thelemark juntam um grande exército em resistência ao avanço de Harald Harfager, que se encontra com

as forças inimigas em Hafrsfjord, onde ocorre uma longa e sangrenta batalha, em que as forças de Harald saem vitoriosas após a morte em batalha da maioria dos reis inimigos e da fuga de um deles.

Novo equilíbrio (Caps 19 e 20): Após a batalha de Haffrsfjord nenhuma grande resistência foi encontrada pelo rei Harald Harfager na Noruega, a maioria dos seus inimigos estavam mortos ou haviam fugido e se exilado em outras regiões e colonizado outras, e grande parte da nobreza passou a servi-lo. Harald governava agora toda a Noruega, toma Gytha como esposa e tem com ela filhos.

Análise:

Note-se que para o procedimento de análise desta fonte, pelos interesses da pesquisa já mencionados anteriormente, utilizamos os capítulos de 1 a 20 da Saga de Harald Harfager, e durante as sequências, pode-se notar que a sequência 1 é bem curta, pois compreende apenas os dois primeiros capítulos da Saga, e a sequência 2 é bem longa, compreende os capítulos 3 a 18 da mesma. Assim foi feito porque para efeito de nossa análise segundo o referencial metodológico proposto, a primeira situação de crise se inicia no capítulo 1 e se resolve logo no 2, pois os mesmos tratam da reconquista dos territórios tomados após a morte de Halfdan o negro por Harald, e sua expansão tomando os domínios dos mesmos, e já a sequência 2 trata de um processo de intervenção na segunda crise mais longo, que se inicia quando surge o interesse de Harald por Gytha, e essa interação o leva a refletir sobre a sua situação de reino e domínio, e o impulsiona à série de conquistas seguintes que culmina na unificação de toda a Noruega sob suas forças.

Para se constituir um rei, um monarca de prestígio durante a era viking, a fama e a conquista da glória pessoal era muito importante para um monarca escandinavo. Na sequência 1, conforme pudemos ver, Harald, ainda bem jovem, inicia com a ajuda de seu tio Guthorm, a reconquista de parte das terras deixadas por seu pai, Halfdan, o negro

tomadas por seus inimigos, basicamente essa é a primeira fase de suas conquistas, que inicialmente se baseia somente nesse objetivo aparentemente.

Na sequência 2, Harald envia mensageiros como foi visto, até uma moça chamada Gytha, filha de um rei e criada por um nobre, com o objetivo de pedi-la em casamento, e essa parte é emblemática, pois revela através da saga, o que se espera de um rei escandinavo: Gytha o recusa como marido por se tratar de um rei de poucos territórios, e que se fosse ambicioso o suficiente para conquistar um reino da dimensão que Gorm da Dinamarca e Eirik de Uppsala conquistaram, aí sim se tornaria sua esposa. O fato de Harald não haver se irritado com a resposta da moça e a mandar trazer à força como poderia fazer, e levá-lo a pensar que realmente a conquista militar de territórios por um rei era uma nobre tarefa, revela-nos ainda mais sobre a cultura guerreira dos reis da era viking, pois à partir desse momento, Harfager faz um celebre juramento de tentar conquistar toda a região da Noruega sob seu domínio ou morrer na tentativa, o que de fato empreende com sucesso, e conforme pudemos continuar analisando no decorrer da estrutura narrativa da sequência 2, através de suas conquistas de territórios pela guerra, e através desse feito a construção de alianças muitas vezes pela coação e ora por acordos, além do estabelecimento de taxaões e favorecimentos, por volta de 872 com a vitória na batalha de Haffrsfjord, conquista toda a Noruega sob seu reinado, a exemplo do que os reis da Dinamarca e de grandes partes da Suécia fizeram.

Na cultura viking, para conquistar a lealdade como líder, era fundamental que o indivíduo fosse generoso em proporcionar presentes e riquezas a seus comandados, pois esses homens muito mais agiam por seus próprios interesses do que sentindo que teriam de prestar deveres a um grande senhor, daí muitas vezes sua lealdade tinha de ser conquistada, daí proporcionar isto aos subordinados era esperado de um rei, como pudemos ver na análise da Saga, quando Harald estabelece nas terras que conquista *Earls* responsáveis pela coleta de impostos e lhes concede o direito sobre uma parte considerável das riquezas arrecadadas. O papel do monarca escandinavo é o de um indivíduo que se articula com as aristocracias locais e aquele que fornece proteção, além de estar à frente das guerras e relações com outros povos numa sociedade em que a figura do Rei se confunde com a de líder militar, além do significado religioso de alguns

reis, que o possuíam pelo fato de sua linhagem ser considerada como descendente dos deuses e de grandes heróis do passado (ROESDAHL,1998, pp 64-67.), segundo era reforçado e legitimado no imaginário popular pelos *Skalds*, os poetas escandinavos, através dos poemas épicos que narravam seus feitos e atravessavam as gerações, pois os feitos guerreiros de coragem e bravura também eram esperados de um líder e contribuíam de maneira decisiva para legitimá-lo como tal, como podemos comprovar nas palavras de Else Roesdahl:

The might of chieftains and kings was founded on personal fame and wealth in land, animals and easily converted assets; it was maintained by the ability to gather the right man around them, by leadership, achievement of results, and rewarding good service well.

The hunt for glory and silver, the prerequisites for gaining power, is therefore a dominant theme in the history of the Viking age. Viking kings were surrounded by glittering splendor, and the scalds, who composed their poems in honour of princes, praised victorious battles, swords and ships, great booty and distant expeditions, courage and loyalty, as well as rich rewards for the prince's men. The weapons found in pagan graves of the upper classes reflect these military ideals, and dead heroes went to Valhalla, ruled by the warrior god Odin, where the time was spent fighting and feasting in noble company with like-minded men. (...). (ROESDAHL, 1998, p.67.)

Como é dito pelo autor Snorri Sturluson logo na introdução da Saga dos reis da Noruega, *Heimskringla* (HEIMSKRINGLA, 2011, p. 4.), que é a fonte primária utilizada nesse trabalho sobre a unificação Norueguesa e os feitos do Rei Harald, em sua corte havia muitos *Skalds*, os responsáveis por declamar poesias relatando e exaltando seus feitos, como podemos observar nos trechos a seguir, do poema composto pelo *Skald* Hornklofi sobre a vitória de Harald na decisiva batalha de Hafrsfjord:

Heard hast how the high-born one
 In the Hafrsfjord fought,
 The keen-eyed king's son,

‘gainst Kjotvi the Wealthy.
 Came their fleet from the east,
 eager for combat,
 with gaping figureheads
 and graven ship-prows.

Were they laden with franklins
 And linden shields unstained,
 With Westland spearshafts
 And Welsh broadswords.
 Their bersekers bellowed
 as the battle opened,
 the wolf-coats shrieked loud
 and shook their weapons.

Their strength would be try,
 But he taught them to flee,
 The lord of the Eastmen
 Who at Útstein dwells.
 His steeds-of-Nokkvi he steered out
 When started the battle.
 Then boomed the bucklers
 Ere a blow felled Haklang.

The thick-necked atheling
 Behind isle took shelter:
 He grew loath, ‘gainst Lúfa
 His liege-lands to hold.
 Then hid under benches

And let their buttocks stick up
Those who were wounded,
But thrust their heads keelward.

Their shoulders shielded
The shifty heroes
were they showered with sling-shot
with the shingles-of-Gladhome.
Home from Hafrsfirth
Hastened they eastward,
fled by way of Jathar,
of their ale-cups thinking. (HEIMSKRINGLA, 2011, pp. 74-76).

Assim, como pudemos ver através da análise da Saga de Harald Harfager no tocante à unificação norueguesa, e através dos versos do poeta viking sobre seus feitos em batalha contidos na mesma Saga, podemos notar que os elementos constituintes da guerra não são apenas como uma continuação da política para os nórdicos da era Viking, mas também como um aspecto cultural que fazia parte da constituição de um rei e do que se esperava do mesmo. E assim, o que se esperava era que fosse um líder militar de prestígio, além de suas outras atribuições, e que fosse capaz de acumular através de seus feitos guerreiros uma glória pessoal que o tornasse digno de sua posição, glória essa que conquistada através da guerra, era extremamente apreciada pelos povos escandinavos nesse momento histórico, como revelava também sua cultura e seus mitos. Esses feitos guerreiros eram assim, como vimos, perpetuados pelos *skalds* através de seus poemas exaltando os reis que se punham a empreender grandes batalhas e conquistas militares, assim como vimos no caso de Harald Harfager, que exemplifica esses elementos de um povo que para além da política, via nos feitos guerreiros uma parte importante de sua cultura e de seus valores.

CONCLUSÃO

Dentro do contexto histórico da unificação norueguesa no século IX, procuramos demonstrar à luz do suporte teórico trazido a nós por John Keegan em *Uma História da guerra* e através do aparato metodológico fornecido a nós pelo método de análise de textos narrativos de Tzvetan Todorov proposto por Ciro Flammarion, que o guerrear na Noruega da era Viking possuía significados culturais peculiares ao povo nórdico em fins da alta Idade Média. Esses significados, como podemos constatar através da análise da Saga de Harald Harfager, como parte integrante das Sagas islandesas, são elementos que vão além da guerra como continuação da política, a guerra, para Harald e para os escandinavos de seu tempo, estava assim intimamente ligada à afirmação pessoal do indivíduo do sexo masculino como membro de uma cultura e sociedade peculiar e diferente em sua ética guerreira do ocidente medieval cristão contemporâneo à sua era.

Assim, principalmente para um líder, um rei tal como Harald, a conquista de vastos territórios através da guerra, por exemplo, e a narração de seus feitos através dos poemas Skáldicos, o conferia um moral e um status que o legitimava a ocupar sua posição de liderança, onde os adjetivos da honra em recompensar aliados e coragem para derrotar os inimigos dava sentido à figura do rei como o líder militar que deveria ser, e que os feitos guerreiros em sua trajetória ajudavam a construir e lhe conferiam assim, a sua legitimidade como líder.

Espera-se assim, ao concluir o presente trabalho, ter-se contribuído para a consideração da possibilidade de uma maior compreensão da questão da guerra como elemento cultural na era Viking, através do estudo de caso de Harald Harfager na unificação norueguesa concluída pelo mesmo na segunda metade do século IX, e que carece ainda consideravelmente de estudos no Brasil, e que é de um valor enriquecedor no estudo da marcialidade em geral. Dadas as limitações deste estudo, espera-se em trabalhos futuros ampliar e explorar mais as questões aqui apresentadas, na perspectiva de que a guerra é muito mais complexa para estar limitada à política, e que a cultura Viking é muito ampla em vários de seus aspectos, e é uma cultura intimamente

ligada à guerra e às atividades guerreiras, constituindo assim em suas fontes, como a Saga de Harald que utilizamos aqui, um campo fértil para os estudos no campo da História militar medieval.

BIBLIOGRAFIA

- BYOCK, Jesse L. *Viking age Iceland*. Londres: penguin books, 2001.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Narrativa, sentido, história*. Campinas: Papirus, 1997.
- FAULKES, Anthony. Snorri Sturluson: his life and work. In: BRINK, Stephan. e PRICE, Neil. (orgs.). *The Viking world*. Nova Iorque: Routledge, 2008.
- GRIFFITH, Paddy. *The Viking art of war*. Newbury: Casemate, 1995.
- HALLSALL, Guy. *Warfare and society in the barbarian west, 450-900*. Londres: Routledge, 2003.
- JESTICE, Phyllis. *História das guerras e batalhas medievais. O desenvolvimento de técnicas, armas, exército e invenções de guerra na Idade média*. São Paulo: M books do Brasil editora, 2012.
- JONES, Gwyn. *A history of the vikings*. Oxford: Oxford university press, 1984.
- KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. São Paulo, Companhia das letras, 2006.
- LANGER, Johnni. História e sociedade nas sagas islandesas: Perspectivas metodológicas. *Alethéia: Revista eletrônica de estudos sobre antiguidade e medievo* – número 2, vol. 1, pp.1, janeiro/junho de 2009a. Disponível em: <<http://www.revistaaletheia.com/20091/Johnny.pdf>> Acesso em: 25 de abril de 2010.
- LANGER, Johnni. *Deuses, monstros, heróis: ensaios de mitologia e religião viking*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009b.
- LONRÖTH, Lars. The vikings in History and legend. In: SAWYER, Peter. (org.). *The Oxford illustrated History of the Vikings*. Nova Iorque: Oxford University press, 1997.
- ROESDAHL, Else. *The Vikings*. Londres: Penguin books, 1998.

- SPRAGUE, Martina. *Norse warfare: unconventional battle strategies of the ancient Vikings*. Nova Iorque: Hippocrene books, 2007.

FONTE

STURLURSON, Snorri. The Saga of Harald Fairhair. *in: Heimskringla, History of the kings of Norway*. Tradução ao inglês por Lee M. Hollander. Austin: University of Texas Press, 2011.

